XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

O ACERVO DOCUMENTAL DO MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO: TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES PARA UMA HISTORIOGRAFIA RENOVADA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

RODRIGO LUIS DOS SANTOS*

Introdução

O objetivo do presente texto é tecer algumas considerações sobre a trajetória de um espaço de memória acerca da imigração alemã no Sul do Brasil e as mudanças ocorridas na mentalidade e nas abordagens dadas ao seu acervo documental, de maneira especial nos últimos anos. Essa mudança está intimamente vinculada com a própria redefinição da história da imigração alemã, com novos enfoques e perspectivas teóricas e metodológicas sobre o tema.

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), localizado na cidade de São Leopoldo[1], no estado do Rio Grande do Sul, teve sua fundação em 20 de setembro de 1959. Seus fundadores tinham o objetivo de contribuir para uma retomada e preservação de aspectos históricos e culturais dos imigrantes alemães[2], sobretudo após o período do Estado Novo e da Campanha de Nacionalização que fora empreendida nesse momento histórico. Com o passar dos anos, um número significativo e variado de documentos foi doado ao museu, para que fossem custodiados e preservados pela equipe do mesmo. Hoje, o acervo documental da instituição tem um número aproximado de 250 mil documentos. Este acervo abarca desde a documentação de São Leopoldo no período sua criação e chegada das primeiras famílias imigrantes alemãs, em 1824 (chamada fase colonial, que prossegue até 1846), passando pela documentação da fase imperial, chegando até o período republicano. Além disso, uma série de outras fontes documentais, como atas de sociedades e clubes, registros escolares, documentação eclesiástica, documentação de outros municípios da região até acervos e

* Mestrando em História – Bolsista FAPERGS/CAPES na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Integrante do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros – NETB – do Programa de Pós-graduação em História da Unisinos. Historiador voluntário do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo – MHVSL.

[1] Desde 2011 o município de São Leopoldo é reconhecido nacionalmente como "Berço da Imigração Alemã no Brasil", título concedido através da Lei Federal nº. 12.394, sancionada em 4 de março de 2011, pela presidenta Dilma Rousseff.

[2] Deve-se levar em consideração que, no período em que esses imigrantes vieram para esta região do Brasil (entre 1824 e 1830), ainda não existia a Alemanha como país unificado e constituído, fato que ocorreria apenas a partir de 1870. Esses imigrantes vieram de regiões como Mecklenburg-Schwerin, Hamburgo, Holstein, Renânia-Palatinado, entre outras. Nesse período, eram regiões que possuíam proximidade lingüística e cultural, mas ainda não constituíam uma unidade político-administrativa.

coleções pessoais, tanto de famílias como de importantes agentes sociais e políticos do Rio Grande do Sul, especialmente do século XX, tem ganhado espaço dentro do acervo existente.

É justamente a partir desta variação documental que foi possível uma ampliação do leque quantitativo e qualitativo das pesquisas realizadas, não apenas por historiadores, mas por pesquisadores de outras áreas, como Arquitetura, Linguística e Artes Plásticas. Didaticamente, este texto se dividirá em duas partes: a primeira, trazendo um breve histórico da instituição e, a segunda parte, dedicando-se a analisar a contribuição deste acervo para a renovação da historiografia acerca da imigração alemã, com base em algumas obras publicadas, que tiveram origens em pesquisas acadêmicas. Em linhas gerais, esse texto tem um caráter mais de exposição, mas sem perder o teor de criticidade necessário para uma abordagem histórica coerente.

Um breve histórico do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

É baste conhecida e difundida a definição conceitual que Pierre Nora faz sobre os lugares de memória e os sentidos inerentes de sua concepção. Para o autor,

> os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos [...] (NORA, 1993: 13).

A partir dessa compreensão, de que a construção da memória é algo efetivado em determinado tempo e local, por conta de determinadas situações, interesses e objetivos, podemos vislumbrar o sentido inicial para a criação do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, no ano de 1959.

Transcorridos pouco mais de dez anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial e do período do Estado Novo no Brasil, alguns nomes já destacados no cenário social e educacional da região do Vale do Rio dos Sinos[3] se mobilizaram para a criação de um espaço

[3] O chamado Vale do Rio dos Sinos recebeu esta denominação justamente por conta da região de vales existentes no trajeto do rio dos Sinos. Localizada dentro da Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande

dedicado à memória e à história da imigração alemã. Os principais nomes que se destacaram nesse processo, tanto no que tange a arrecadação de material, como objetos, livros, fotografias e documentos, como nas articulações para abertura do museu, foram o empresário e pesquisador Germano Oscar Moehlecke, o professor Telmo Lauro Müller e o também professor e arquiteto Kurt Günther Hugo Schmeling. A partir do trabalho empreendido pelos três, foi possível a organização do acervo inicial da instituição e o arranjo deste acervo em uma sala cedida no prédio da antiga sede da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que na época ainda não possuía essa denominação[4]. Em 1985 foi inaugurado o novo prédio, no qual o museu está instalado até hoje.

O processo de levantamento de materiais, de divulgação da ideia de criação de um museu e de busca de apoio para essa iniciativa, tem sua origem na tentativa de *resgatar* parte da memória da imigração alemã, *perdida* por conta do Estado Novo. O regime autoritário implantando por Getúlio Vargas e seus apoiadores, entre 1937 e 1945, foi marcado por uma forte repressão nas áreas de imigração, sobretudo em regiões no Sul e Sudeste do país. Grupos de diversas origens étnicas, como judeus, japoneses, poloneses, italianos, alemães, entre outros, sentiram os efeitos das políticas nacionalizadoras. Essas medidas tinham como finalidade a inserção, mesmo que forçada, destes grupos a sociedade nacional brasileira, pois, segundo a percepção das autoridades, de intelectuais e de parte da sociedade, estes grupos de origem imigrante formavam quistos étnicos dentro do território do Brasil. No Rio Grande do Sul, as principais medidas foram tomadas em relação à população de origem alemã. Entre 1938 e 1945, durante os governos dos interventores federais coronel Oswaldo Cordeiro de Farias (1938-1943) e coronel Ernesto Dornelles (1943-1945), incisivas ações de nacionalização foram efetivadas. Tanto no aspecto da chamada Nacionalização do Ensino, capitaneada no estado pelo então secretário de Educação José Pereira Coelho de Souza (que ocupou o cargo entre 1937 e 1945), como em ações policiais coercitivas e repressivas, tendo à frente o tenente-coronel Aurélio da Silva Py, chefe de Polícia do estado entre 1937 e 1943.

---

do Sul, possui 16 municípios que compõem esta região. Boa parte destes municípios se emancipou da antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, que em 1846 foi elevada a categoria de vila e, em 1864, passou a categoria de município. Deste modo, a principal colonização desta região tem origem em imigrantes alemães.

[4] A autorização para o funcionamento da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, foi dada pelo governo federal no dia 31 de julho de 1969, data, inclusive, que a Igreja Católica celebra a memória de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, ordem religiosa mantenedora da universidade. Anterior a este período, a instituição tem origem na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, também localizada no município de São Leopoldo.

Por conta das medidas adotadas nesse período (mas que, em escalas diferentes, já haviam sido pensadas e aplicadas em períodos anteriores e, até mesmo, continuadas em períodos posteriores ao Estado Novo), muitos aspectos culturais e sociais de imigrantes alemães e seus descendentes acabaram sofrendo significativas alterações. Talvez o aspecto mais conhecido nesse ponto seja no uso da língua alemã. Muitas pessoas, inclusive por conta de traumas psicológicos, deixaram de falar este idioma, o que ocasionou uma diminuição no uso desse idioma pelos descendentes. Além disso, também perdurou durante o certo tempo uma imagem estigmatizada do imigrante de origem alemã e de seus descendentes (caso ocorrido também com outros grupos étnicos, como os japoneses, por exemplo). Evidentemente que estes aspectos devem ser analisados por uma ótica mais profunda, pois envolvem processos históricos, culturais e sociais mais complexos e intricados. Mas o que aqui pretendemos é apenas lançar luzes sobre uma visão mais genérica deste período, para entendermos as motivações que embasaram a criação e constituição do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

A partir dos desdobramentos decorrentes do momento histórico vivido anteriormente, vivenciado inclusive pelas lideranças que iniciaram o processo de criação do museu, embasados em sua percepção da necessidade de tornar novamente visíveis determinados aspectos culturais e sociais do grupo étnico alemão, é que se teve início o trabalho em torno da criação da instituição.

Para darmos continuidade a nossa reflexão, buscando compreender agora o processo que se desenvolveu no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo por quase quarenta anos, e que acabou envolvendo também seu acervo documental, utilizemos como "lente" para nossa observação algumas considerações de Michael Pollak e Pierre Nora. Conforme no indica Michael Pollak "a memória é seletiva [...]. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado" (POLLAK, 1992: 203). Contribuindo para esta perspectiva, Pierre Nora afirma que "o que nós chamamos de memória, é de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar" (NORA, 1993: 15). A partir destas considerações, poderemos estabelecer uma análise mais crítica das ações que acabaram sendo desenvolvidas, tanto de forma direta como subjetiva, por parte de alguns mantenedores da instituição. Não se trata de fazer aqui um julgamento, mas de se tentar compreender historicamente como ocorrera a

tentativa de construção de um modelo de memória no museu e como seu acervo documental esteve inserido diametralmente nesse processo.

Após a criação do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, em 1959, também se constitui o grupo mantenedor da instituição e se deu conformação a sua estrutura de funcionamento. A presidência da instituição ficou a cargo do empresário e pesquisador Germano Oscar Moehlecke. A direção do museu e o ofício de historiador do mesmo ficaram a cargo do professor Telmo Lauro Müller. Germano Oscar Moehlecke exerceu seu cargo por mais de quarenta anos, até início da década de 2000, quando deixou a função já por conta da idade e por entender que havia a necessidade de mudanças de rumos na instituição. O professor Telmo Lauro Müller exerceu sua função por quarenta e oito anos, tendo que deixar o cargo, mesmo contra a vontade, por conta de sérios problemas de saúde. Dentro de nossa proposta de análise, nos ateremos mais há alguns aspectos da trajetória de Telmo Lauro Müller, já que, para muitas pessoas que conviveram com o mesmo e com a instituição, ela se funde com a trajetória do museu. E, de certa forma, elas possuem relações bastante imbricadas.

Reconhecido no meio cultural, social, educacional e político de São Leopoldo e região como um entusiasta e defensor da cultura e história dos imigrantes e descendentes, Telmo Lauro Müller acabou assumindo a direção do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo não apenas como um ofício, mas como uma parte intensa de sua vida. Acabou estabelecendo com a instituição laços afetivos e, por conta disso, por muito tempo a instituição foi moldada conforme seus ditames. Além disso, por ter vivido ainda jovem as agruras decorrentes das políticas estadonovistas, que tanto ocasionaram dissabores a imigrantes e descendentes, sua forma de narrar a história da imigração alemã acabou se vinculando mais intimamente com as características memorialistas e laudatórias[5], presentes em obras como as de Carlos Henrique Hunsche, Carlos Henrique Oberacker Jr. e Aurélio Porto[6]. Essas características irão, pelo

[5] Não devemos vincular este tipo de narrativa com todos os escritores e pesquisadores da imigração alemã que tenham vivido o período do Estado Novo. Um exemplo disso é Germano Oscar Moehlecke que, embora possa ser visto como um memorialista, possui uma forma mais crítica de analisar a história da imigração.

[6] Queira ver: HUNSCHE, Carlos Henrique. **O biênio 1824/1825 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul** (Província de São Pedro). Porto Alegre: A Nação, 1975; OBERACKER JUNIOR, Carlos Henrique. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. 4.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985. v.1 e 2; PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha, 1934.

menos durante aproximadamente trinta anos, interferir na forma como se é compreendida a própria documentação que o museu possui em seu acervo.

Ao longo dos anos, conforme relatamos na parte inicial deste texto, o número e a diversidade de documentos doados ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo cresceu vertiginosamente. Mas, ao mesmo tempo, a utilização historiográfica dada aos mesmos ainda era limitada. De um lado, havia o problema que ainda é decorrente em diversos museus e arquivos do Brasil, que é a falta de pessoal para atuar na organização e preservação dos mesmos. Por outro lado, havia, por parte da direção do museu, um cuidado para que a documentação não fosse utilizada com o intuito de desqualificar a imigração. Talvez, mesmo transcorridos tantos anos (ou por outros motivos que aqui não exploraremos), as marcas do Estado Novo ainda estivessem presentes. De forma direta, durante muito tempo, os documentos acabaram sendo utilizados apenas para uma escrita enaltecedora da imigração no Sul do Brasil. Uma utilização mais crítica não era empreendida. Além destes dois fatores, também temos que considerar outro aspecto fundamental: a própria produção acadêmica acerca da temática da imigração era marcada por um caráter pouco crítico, estabelecendo uma relação mais próxima com a escrita laudatória. A mudança nos rumos da historiografia acadêmica acerca da imigração ocorreu em meados da década de 1990. E isso também se refletiu na compreensão que a comunidade e o próprio museu tiveram de seu acervo documental.

Uma mudança de rumos: uma historiografia renovada e uma nova percepção de acervo

Em 1997, o professor da UNISINOS e historiador Marcos Justo Tramontini defendeu na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) sua Tese de Doutoramento, intitulada *A Colônia de São Leopoldo: a organização social dos imigrantes na fase pioneira (1824-1850)*[7]. Este trabalho é considerado um divisor de águas na historiografia acerca da imigração alemã, não apenas em São Leopoldo, mas permitindo uma nova abordagem e compreensão da imigração no Brasil e também entre outros grupos étnicos. Além disso, evidenciou elementos acerca da estrutura e inserção social e política dos imigrantes e descendentes, destacou a presença de escravos e as transações envolvendo os

[7] Em 2000 a tese foi publicada em livro, pela editora da UNISINOS, com o título **A organização social dos imigrantes**. A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850).

mesmos, assim como possibilitou uma nova análise das fontes documentais. E dentre as fontes documentais utilizadas por Marcos Tramontini, encontramos uma série significativa de documentos que integram o acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Além do trabalho referido anteriormente, podemos destacar, dentre outros trabalhos, a Tese de Doutoramento em História de Marcos Antônio Witt, também defendida na PUCRS, em 2008[8]. Seguindo o caminho indicado pelo trabalho de Marcos Tramontini, Marcos Witt também optou por analisar criticamente a participação política dos imigrantes alemães e seus descendentes, ampliando o espaço geográfico de análise, abordando também a região do Litoral Norte rio-grandense e a região do Vale do Rio Taquari. Assim como no trabalho de Marcos Tramontini, a documentação salvaguardada no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo recebeu um atenção especial por parte do historiador que, ao analisá-las de forma crítica e com um referencial teórico-metodológico mais refinado, pode retirar das fontes informações substanciosas[9].

Além de temas políticos, outras abordagens tiveram como fontes documentais (ou parte) o acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Sobre a temática da escravidão na região de colonização alemã, um assunto ainda controverso, que durante muito tempo passou despercebido (muitas vezes propositalmente) ou que foi (e ainda é) relativizado por pesquisadores, também encontramos consideráveis dados em meio aos documentos. Lembramos que, durante muito tempo, o acesso a estes documentos, se não eram negados, eram, no mínimo, dificultados, conforme apontamos anteriormente, na medida em que se procurava saber qual a finalidade última das pesquisas, que direcionamento as mesmas recebiam por parte dos pesquisadores que buscavam utilizar as fontes existentes no museu. Destacamos dois trabalhos que abordaram o tema e cujos pesquisadores dedicaram tempo em *garimpar* indícios e dados em meio aos papeis empoeirados do acervo. Citamos a Dissertação de Mestrado de Eliege Moura Alves, defendida em 2004 na UNISINOS, intitulada *Presentes e Invisíveis - Escravos em Terras de Alemães; São Leopoldo 1850-1870*, assim como a publicação *Histórias de escravos e senhores em uma região de imigração europeia*, que reúne

[8] A tese foi posteriormente publicada em livro. Queira ver: WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas (Imigração alemã – Rio Grande do Sul – século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2008.

[9] Tanto no trabalho de Marcos Justo Tramontini como no trabalho de Marcos Antônio Witt, podemos destacar como fontes documentais utilizadas os Fundos da Câmara Municipal de São Leopoldo; os Apontamentos de Terrenos de São Leopoldo; as correspondências diversas; os documentos de naturalização de imigrantes, entre outros citados pelos referidos pesquisadores.

pesquisas realizadas pelos historiadores Miquéias Henrique Mügge e Paulo Roberto Staudt Moreira.

Aspectos como sociabilidade e identidade também tem respaldo documental neste acervo. Citamos, neste sentido, as Teses de Doutoramento de Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos e de Roswithia Weber. A primeira, trabalhou uma abordagem crítica da sociabilidade em São Leopoldo, que teve como resultado a tese *O teatro da sociabilidade. Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930*. A segunda, estabeleceu relações entre história, identidade e turismo, envolvendo alguns municípios que integram a chamada Rota Romântica, inspirada nos modelos existentes na Europa, de forma especial na Alemanha. Essa pesquisa deu origem à tese intitulada *Mosaico Identitário: história, identidade e turismo nos município da Rota Romântica – RS*.

Poderíamos aqui continuar elencando uma série de temáticas e trabalhos que utilizaram de documentos do acervo documental do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Mas os temas e trabalhos que aqui elencamos têm um caráter mais didático, para representar nosso objetivo principal. Através deles, queremos propor a análise de algumas considerações que julgamos pertinentes.

O primeiro aspecto é de cunho historiográfico. Embora no período anterior à década de 1990 tivéssemos já o esboço de alguns trabalhos que apontassem para uma renovação de abordagem, de teorias e de metodologias na análise e escrita da história da imigração, esse processo ganhou ímpeto a partir dos últimos vinte anos. A história da imigração sentiu o reflexo e a prática decorrente de novas perspectivas na historiografia brasileira, advindas por sua vez das renovações que, já há algum tempo, ocorriam na Europa. É o caso da Micro-história italiana, da História Cultural e da Nova História Política, que a partir da década de 1990 ganharam um impulso bastante forte no Brasil, seja por meio de debates e reflexões, seja por meio do seu uso mais intensificado.

O segundo aspecto tange a ressignificação que passou o acervo documental do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo em decorrência dessa mudança ocorrida no meio acadêmico. Já abordamos anteriormente o pensamento de parte dos mantenedores e da equipe diretiva da instituição (mas também por uma parte significativa da própria sociedade local), representado na figura de seu diretor por quase quarenta e oito anos, professor Telmo Lauro Müller. Até então o significado do museu e, consequentemente, do acervo documental ali

depositado, era justamente o de resgatar e enaltecer a presença e as ações empreendidas pelos imigrantes e seus descendentes no Brasil. Objetivava-se narrar uma história que, conforme julgamento do momento, corria o risco de se perder, por conta da visão que se teve dos alemães e descendentes durante e nos pós-Segunda Guerra Mundial, além da política estadonovista. Com base nisso, além de outros objetivos, o tipo de pesquisa e de construção histórica produzida era, na maioria das vezes, memorialista e laudatória. Mas, por conta de abordagens mais diversas e críticas, análises mais refinadas e qualificadas das fontes, ocasionaram uma contribuição salutar para uma nova ressignificação do próprio acervo. O que até então atendia uma determinada finalidade, consciente ou subjetiva, de cunho a enaltecer a imigração alemã, passou a olhar para a mesma de uma forma mais complexa, buscando nem a *sacralização* e nem a *demonificação*, mas vê-la como parte de um grande tecido social, político e cultural mais dinâmico.

Algumas considerações a guisa de conclusão parcial

Muitas vezes olhamos para nossos acervos documentais, independente dos locais em que estejam depositados, justamente como meros depósitos de papeis. Esquecemos que estes documentos possuem significados diversos, tanto por parte de quem os produz, como por parte de quem os recebe, quem os arquiva, quem os pesquisa. Evidentemente, para fins de organização e praticidade, temos conceitos que definem o que é um acervo, um arquivo. Para a historiadora Arlette Farge, o arquivo é um

> conjunto de documentos, quaisquer que sejam as suas formas ou o seu suporte material, cujo crescimento se efetua de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa, física ou moral, privada ou pública, e cuja conservação respeita aquele crescimento sem nunca desmembrar (FARGE, 1999: 2).

Sabemos, contudo, que além destas necessárias observações técnicas, os acervos documentais possuem também significados diversos, tanto de ordem subjetiva quanto prática, passando por processos pessoais ou coletivos de significação e ressignificação. Aparentemente, ele pode ser compreendido como algo frio, que só ganha sentido quando lhe é atribuído este sentido, lhe é conferido algum tipo de valor. É nesse sentido que nos chama a atenção a assertiva de Pierre Nora, ao afirmar que

> mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993: 21-22).

Desta forma, mesmo aqui tecendo apenas algumas considerações mais genéricas, embora pautadas em uma compreensão histórica, acreditamos que se faz necessário o processo de historicização dos nossos acervos documentais. É preciso compreender e analisar sua trajetória e os diferentes processos de significação e ressignificação pelos quais passam. No caso do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, o acervo documental está inserido em um ambiente de construção de memória, que por sua vez pode ganhar diferentes significados: ora por parte de quem conduz o cotidiano da instituição, ora por quem o visita, ora por quem se utiliza de seus acervos. Trata-se, antes de mais nada, de um processo bastante complexo.

Tentamos aqui descrever criticamente como se desenvolveu a trajetória do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e de seu acervo documental, assim como do processo ambivalente de ressignificação deste mesmo acervo, atendendo diferentes objetivos, embasados em diferentes momentos e interpretações históricas. Chamamos de processo ambivalente de ressignificação, pois, a partir de um olhar renovado dos pesquisadores acadêmicos nos últimos anos, um novo sentido pode ser dado para seu volumoso acervo. Ao mesmo tempo, esse acervo tem se mostrado fonte profícua de possibilidades. E a constante análise sobre esse processo pode lhe garantir a própria continuidade de existência, já que sabemos o risco de abandono e de destruição que os museus e arquivos correm constantemente em nosso país. Mas nossa contribuição aqui tem um caráter até mais simples, mas não simplório: oportunizar a reflexão e o debate.

Referências bibliográficas

ALVES, Eliege Moura Alves. **Presentes e Invisíveis** - Escravos em Terras de Alemães; São Leopoldo 1850-1870. São Leopoldo, Unisinos, 2004. [Dissertação de Mestrado].

FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; MÜGGE, Miquéias Henrique. **Histórias de escravos e senhores em uma região de imigração europeia**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. **O teatro da sociabilidade**. Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930. Tese [Doutorado]. Porto Alegre, 2000. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2000.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes**. A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

WEBER, Roswithia. **Mosaico Identitário**: história, identidade e turismo nos município da Rota Romântica – RS. Tese [Doutorado]. Porto Alegre, 2006. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2006.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas (Imigração alemã – Rio Grande do Sul – século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2008.